

Algumas peculiaridades da construção *ir* + Infinitivo em Português Europeu

Luís Filipe Cunha

Centro de Linguística da Universidade do Porto / Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abstract: This paper deals with some semantic properties of the structure *ir* ('go') + Infinitive in European Portuguese, in particular when it occurs with the *Pretérito Perfeito* and with the *Presente do Indicativo*. We will argue for the hypothesis that, indeed, there are two different constructions behind the *ir* ('go') + Infinitive sequence: one in which *ir* ('go') seems to retain most of its basic lexical properties, imposing strong aspectual restrictions to the situations that can combine with it and another in which *ir* behaves like a pure temporal operator of futurity, imposing no relevant constraints to the eventualities in its scope.

Keywords: semantics, tense, aspect, *ir* ('go') + Infinitive.

Palavras-chave: semântica, tempo, aspeto, *ir* + Infinitivo.

1. Introdução

No que respeita ao Português Europeu, a combinação de formas do verbo *ir* com o Infinitivo Simples reveste-se de alguma complexidade e levanta uma série de questões, raramente notadas na literatura, a que importa dar resposta. Na realidade, ao contrário do que sucede, por exemplo, com a maioria dos operadores aspetuais, que mantêm o seu contributo semântico básico inalterado independentemente dos tempos gramaticais com que coocorrem (cf. Cunha, 1999; Oliveira *et al.*, 2004), constatamos que a construção envolvendo *ir* + Infinitivo manifesta oscilações e alternâncias bastante reveladoras, tanto ao nível da significação veiculada quanto das restrições combinatórias impostas aos diferentes tipos de predicções com que comparece.

Assim, por exemplo, podemos observar que *ir* + Infinitivo no contexto do *Pretérito Perfeito do Indicativo* se revela completamente incompatível com certos estativos (cf. (1)), ao contrário



do que acontece quando o tempo gramatical selecionado é o Imperfeito (cf. (2)) ou o Presente do Indicativo (cf. (3)):

- (1) * O João foi ser médico.
- (2) O João ia ser médico.
- (3) O João vai ser médico.

No sentido de fornecer uma descrição adequada para tão significativas divergências como as que foram apresentadas nos exemplos anteriores, colocaremos, no presente trabalho, a hipótese de que, no Português, a combinatória *ir* + Infinitivo está envolvida em mais do que um tipo de configuração linguística.

Nessa medida, torna-se necessário aprofundar os seguintes tópicos de investigação: (i) descrever e caracterizar as restrições combinatórias observadas, tornando explícitos os contextos em que comparecem; (ii) compreender os fatores linguísticos que lhes dão origem; (iii) avaliar qual o seu impacto na caracterização geral das estruturas que envolvem *ir* + Infinitivo.

Tomando como ponto de partida as divergências, em termos de comportamento linguístico, patenteadas pelas estruturas envolvendo *ir* + Infinitivo com o Pretérito Perfeito, por um lado, e com o Presente do Indicativo, por outro, assumiremos que, na realidade, nos encontramos face a configurações linguísticas de natureza algo distinta. No sentido de compreendermos como se caracterizam semanticamente e quais as propriedades mais relevantes que lhes estão associadas, iremos, em seguida, proceder à análise e discussão das possibilidades interpretativas que *ir* + Infinitivo manifesta com os dois tempos gramaticais mencionados.¹

2. *Ir* + Infinitivo com Pretérito Perfeito

¹ Dado que, no Português, a construção *ir* + Infinitivo com o Imperfeito levanta questões que vão muito para além do âmbito deste nosso trabalho (em particular no que se refere à possibilidade de emergência de leituras de tipo hipotético e à interação que se verifica entre a estrutura em causa e os verbos introdutórios com que normalmente comparece), optámos, neste momento, por concentrar a nossa atenção somente no contraste que se estabelece entre o Pretérito Perfeito e o Presente do Indicativo no que à referida configuração diz respeito. Para uma primeira análise das sequências correspondentes envolvendo o Imperfeito, veja-se Cunha (no prelo).



A comparência de *ir* + Infinitivo com o Pretérito Perfeito é absolutamente possível e legítima em Português Europeu, como os seguintes exemplos, retirados do *corpus* consultado², nos confirmam:

- (4) A Rothschild foi apresentar o trabalho desenvolvido na privatização do grupo italiano ENI, concluído no passado mês de Outubro, e o papel que está a desempenhar na actual fase de privatização da Deutsche Telekom. (par=ext2880-eco-96b-1)
- (5) Sampaio foi mostrar as marchas das regiões. (par=ext18240-pol-96a-1)

Apesar de bastante frequente no PE, esta configuração encontra-se, no entanto, sujeita a algumas restrições combinatórias no que diz respeito às predicções no Infinitivo que com ela se podem combinar. Observem-se os seguintes exemplos:

- (6) O Luís foi comprar um chocolate.
- (7) A Maria foi telefonar à irmã.
- (8) * O Luís foi gostar de linguística.
- (9) * A Maria foi estar em casa.

Importa, pois, antes de mais, encontrar uma descrição adequada que dê conta dos contrastes acima indicados. Nos próximos parágrafos deste trabalho procuraremos explorar algumas hipóteses que nos conduzam a uma explicação credível que nos permita compreender as restrições combinatórias impostas à construção *ir* + *Infinitivo quando surge em conjugação com o Pretérito Perfeito do Indicativo*.

²No decurso deste trabalho utilizamos tanto exemplos “fabricados” por nós quanto retirados de um corpus de referência do Português Europeu, no sentido de validar, com dados reais, algumas das observações que vamos produzindo. Para tal, recorremos ao corpus Cetempúblico, disponível em www.linguateca.pt.



A. A hipótese da influência das classes aspetuais

Numa primeira abordagem, poderíamos ser levados a supor que as restrições impostas à comparência de predicções no âmbito da construção *ir* + Infinitivo com PPerf estariam relacionadas com a classe aspetual das eventualidades envolvidas. Com efeito, constatamos que, tipicamente, apenas situações de cariz eventivo surgem, sem problemas, no referido contexto (cf. (10)-(13)), sendo os diferentes tipos de estativos normalmente excluídos em idênticas circunstâncias (cf. (14)-(16)):³

- (10) O João foi correr com os amigos. (processo)
- (11) O Zé foi montar a tenda. (processo culminado)
- (12) A Teresa foi abrir a porta. (culminação)
- (13) O Cristiano Ronaldo foi chutar a bola. (ponto)
- (14) * A Maria foi ter olhos azuis. (estado de indivíduo não faseável)
- (15) * O Miguel foi ser prestável com os colegas. (estado de indivíduo faseável)
- (16) * O Pedro foi estar doente. (estado de “estádio”)

Embora, à primeira vista, pareça apelativa, esta linha de análise enfrenta, no entanto, um conjunto de problemas que a tornam inviável.

Em primeiro lugar, não é difícil encontrar eventos que se revelam de todo incompatíveis com a estrutura *ir* + Infinitivo no PPerf, como os seguintes exemplos ilustram:

- (17) * Foi chover. (processo)
- (18) * O fogo foi queimar a mata. (processo culminado)
- (19) * O João foi partir o braço. (culminação)

³ Para a designação das diferentes classes de eventos recorreremos, neste trabalho, à terminologia proposta por Moens (1987). No que concerne aos estados, adotamos a classificação de Cunha (2004).



Por outro lado, somos igualmente confrontados com a presença de predicções estativas no contexto em causa, tal como o exemplo (20) nos comprova, embora devamos reconhecer, desde já, que esta não se constitui como uma possibilidade combinatória muito frequente em PE.

(20) A Rita foi viver para Londres.

Finalmente, importa sublinhar que, ainda que mantendo a mesma classe aspetual e até o mesmo verbo e respetivo argumento interno na estrutura predicativa, encontramos eventualidades que variam quanto ao seu grau de aceitabilidade no contexto de *ir* + Infinitivo com PPerf em função da seleção do argumento externo, como o par em (21)-(22) nos revela:

(21) O João foi podar as árvores.

(22) * A tesoura foi podar as árvores.

Tendo em conta os dados que acabámos de apresentar, parece-nos óbvio que as restrições manifestadas pela estrutura *ir* + Infinitivo com PPerf, no que diz respeito às suas possibilidades combinatórias, não poderão ser adequadamente captadas através de critérios estritamente aspetuais.

B.A hipótese da influência da agentividade

Tomando em linha de conta os dados que acabámos de discutir e, em particular, contrastes como os apresentados em (21)-(22), poderíamos sugerir a hipótese segundo a qual apenas predicções de cariz agentivo seriam compatíveis com a estrutura *ir* + Infinitivo com PPerf. Com efeito, pares de frases como os representados em (23)-(24) e em (25)-(26) parecem confirmar esta ideia.



- (23) O João foi trabalhar.
- (24) * O motor do meu carro foi trabalhar.
- (25) O exército foi destruir a cidade.
- (26) * O temporal foi destruir a cidade.

Embora pareça solucionar algumas das questões deixadas em aberto pela abordagem aspetual, esta linha de análise não se encontra, contudo, inteiramente isenta de problemas, em particular se tomarmos em consideração a existência de estativos de natureza agentiva.

Na realidade, há muito que a literatura sobre o aspeto reconhece o comportamento agentivo de alguns estados (vejam-se, entre outros, Dowty, 1979; Cunha, 2004). A título de exemplo, um estativo como “O Miguel ser generoso” responde favoravelmente aos diferentes testes habitualmente invocados para o reconhecimento da presença de marcas de agentividade, como é o caso da comparência no Imperativo (cf. (27)), da compatibilidade com adverbiais agentivos do género de *voluntariamente* ou de *propositadamente* (cf. (28)) ou da possibilidade de ocorrência no escopo de verbos como *forçar* ou *persuadir* (cf. (29)):

- (27) Miguel, sê generoso!
- (28) O Miguel foi generoso voluntariamente.
- (29) A mãe persuadiu o Miguel a ser generoso.

Uma consequência óbvia da hipótese que aqui estamos a desenvolver seria a plena compatibilidade dos estativos de cariz agentivo com a construção *ir* + Infinitivo com PPerf, predição que, no entanto, não se verifica, como os exemplos que se seguem nos comprovam:

- (30) * O Miguel foi ser generoso.
- (31) * A Maria foi ser simpática com os colegas.
- (32) * O Jorge foi estar quieto.



Embora claramente agentivos, os estados presentes em (30)-(32) dão origem a anomalia semântica quando combinados com *ir* + Infinitivo no PPerf, ao contrário do que seria de esperar caso a agentividade fosse efetivamente o fator determinante para o estabelecimento de restrições combinatórias na referida configuração.

A constatação de que a grande maioria dos estados agentivos é, de alguma forma, incompatível com a construção *ir* + Infinitivo com PPerf, tal como ilustrado em frases do género das representadas em (30)-(32), sugere fortemente que a hipótese segundo a qual a agentividade seria o principal fator responsável pelas restrições observadas na seleção das predicções efetuada pela referida estrutura não descreve satisfatoriamente todos os dados em análise, sendo necessário encontrar uma outra estratégia para a explicação dos factos que aqui nos ocupam.

C. A hipótese da preservação de propriedades lexicais do verbo *ir*

Uma terceira hipótese para a compreensão dos dados em análise passa por considerar que, na construção *ir* + Infinitivo com PPerf, o verbo *ir* manteria inalterada uma grande parte das suas propriedades lexicais básicas. Por outras palavras, tanto o verbo *ir* no PPerf quanto o Infinitivo que o acompanha contribuiriam lexicalmente para a interpretação final da configuração em que intervêm.

Existirão, efetivamente, argumentos linguísticos que apoiem uma tal suposição? A resposta parece-nos positiva. Para a comprovar, vamos discutir brevemente algumas das propriedades semânticas básicas do verbo *ir*, tomado enquanto item lexical pleno, tentando demonstrar em que medida contribuem para as restrições que temos vindo a elencar.⁴

Na sua função lexical básica, na medida em que descreve um “trajeto” ou “percurso”, *ir* integra tipicamente predicções de cariz dinâmico, i.e., eventos que podem ser divididos em subfases sucessivas constitutivas (cf. e.g. Dowty, 1979; Binnick, 1991). Esta sua característica

⁴ Para uma discussão acerca das propriedades semânticas do verbo *ir* enquanto item lexical no Português do Brasil, veja-se Oliveira (2010).



poderá explicar o facto de, tendencialmente, ocasionar anomalia semântica quando combinado com situações de natureza estativa (cf. (8)-(9), (30)-(32)), tendo em vista que estas últimas são identificadas pela presença do traço [-dinâmico].

Uma outra propriedade que permite identificar as configurações em que o verbo *ir* participa enquanto item lexical pleno é a sua agentividade ou, dito de uma forma talvez mais rigorosa, a tendência manifestada por este verbo para surgir com um argumento externo de cariz [+agentivo]. Na verdade, as predicções em que *ir* comparece requerem, tipicamente, um sujeito controlador, como os contrastes que se seguem nos revelam:⁵

- (33) Os rapazes foram à praia.
- (34) * As pedras foram à praia.
- (35) O Filipe foi para a escola.
- (36) * A mochila foi para a escola.

Se considerarmos que é o verbo *ir*, enquanto item lexical pleno, que está envolvido na construção que temos vindo a discutir ao longo da presente secção, teremos uma boa explicação para o facto de os eventos de natureza não agentiva causarem normalmente anomalia semântica no referido contexto (cf. (17)-(19), (22), (24) e (26)). Com efeito, tratando-se de um verbo que tendencialmente se combina com argumentos externos [+agentivos], excluiria, à partida, a coocorrência com situações que, de uma forma ou de outra, não contemplam uma tal característica.

Uma outra evidência que parece ir ao encontro da hipótese que estamos a explorar prende-se

⁵ Devemos sublinhar aqui que o verbo *ir*, tomado como item lexical pleno, é apenas tendencialmente agentivo. Na realidade, muito embora dê tipicamente origem a anomalia semântica com sujeitos que ostentam o traço [-agentivo], tal como ilustrado nos exemplos (34) e (36), é possível encontrá-lo igualmente em construções claramente não agentivas, como (i) e (ii) nos comprovam:

- (i) A nave Apollo 11 foi à Lua em 1969.
- (ii) As malas foram para o porão do navio.

Dado que o objeto central de análise do presente trabalho se limita à estrutura *ir* + Infinitivo e não contempla as predicções com o verbo *ir* no seu uso estritamente lexical (i.e., *ir* + Sintagma Preposicional), deixaremos para uma próxima oportunidade a investigação das condições que permitem licenciar a sua ocorrência em contextos não agentivos. Neste momento, contudo, importa-nos apenas sublinhar que, mesmo no seu uso puramente lexical, o verbo *ir* se encontra sujeito a restrições relevantes em termos de coocorrência com sujeitos de índole não agentiva.



com as propriedades de seleção categorial do verbo em questão. Enquanto item lexical pleno, *ir* subcategoriza habitualmente um argumento com a função semântica de Destino, realizado através de sintagmas preposicionais encabeçados por *a* ou por *para*, como os seguintes exemplos ilustram:

(37) O João foi ao cinema.

(38) Os gnus foram para o Quênia.

Quando *ir* no PPerf surge combinado com o Infinitivo, é sempre possível (embora não seja obrigatório) introduzir um sintagma preposicional com as características referidas, tal como exemplificado nas frases que se seguem:⁶

(39) A Cristina foi almoçar à Foz.

(40) O Pedro foi dormir para o quarto.

O Sintagma Preposicional em apreço parece estar indubitavelmente ligado ao verbo *ir*, o que poderá ser atestado pela possibilidade de o introduzir numa posição imediatamente adjacente ao referido item lexical, i.e., interpondo-se entre *ir* e a forma infinitiva, tal como mostram os exemplos (41) e (42):

(41) A Cristina foi à Foz almoçar.

(42) O Pedro foi para o quarto dormir.⁷

⁶ A projeção de um sintagma preposicional introduzido por *a* ou por *para* em estruturas com *ir* + Infinitivo com PPerf é, na realidade, bastante comum no PE e encontra-se atestada em inúmeras passagens no nosso corpus, de onde retiramos os seguintes exemplos ilustrativos:

(i) As jovens foram receber tratamento ao Hospital de Santo António e tiveram alta pouco depois. (par=ext20401-soc-97b-1)

(ii) Segundo a GNR de Castelo Branco, Luís Miguel, depois de sair da escola, foi brincar para o edifício de uma antiga fábrica de lanifícios em Cebolais de Cima. (par=ext164040-soc-98b-1)

⁷ Observe-se, de passagem, que, para a generalidade dos falantes do PE, esta mudança na posição dos SPs acarreta, tipicamente, algumas consequências visíveis ao nível interpretativo. Na realidade, quando os SPs se encontram em adjacência ao verbo *ir*, parece ser favorecida uma leitura em que predomina a noção de finalidade. Assim, frases como (41) e (42) seriam parafraseáveis por “A Cristina foi à Foz com vista a / para almoçar” ou “O Pedro foi para o quarto com vista a / para dormir”. Pelo contrário, esta interpretação final não se mostra saliente quando o SP se



Sublinhe-se, por outro lado, que este tipo de sintagmas preposicionais não é normalmente subcategorizado pelas predicções expressas pela forma infinitiva. Na realidade, se retirarmos o verbo *ir* da construção e apenas mantivermos as situações descritas pelos predicadores que o acompanham, os sintagmas preposicionais introduzidos por *a* ou por *para* dão quase sempre origem a construções agramaticais, como (43) e (44) nos revelam.

(43) A Cristina almoçou * à Foz / na Foz.

(44) O Pedro dormiu * para o quarto / no quarto.

Dado que, tal como ilustrado em (43) e (44), os Sintagmas Preposicionais introduzidos por *a* ou por *para* não se mostram normalmente compatíveis com a estrutura argumental dos verbos que ocorrem no Infinitivo na construção que temos vindo a analisar, somos levados a concluir que a sua comparência só pode ser licenciada pelas propriedades semânticas do verbo *ir*.

É, por outro lado, curioso observar que algumas configurações com *ir* + Infinitivo no PPerf que, à partida, apresentam anomalia semântica se tornam perfeitamente possíveis após a inserção de um Sintagma Preposicional introduzido por *a* ou por *para*, o que parece reforçar a importância e o papel central que o argumento Destino, na estreita dependência do verbo *ir*, desempenha nestas estruturas.

(45) * O João foi morrer.

(46) O João foi morrer a Paris.

(47) * A Rita foi chorar.

(48) A Rita foi chorar para o quarto.

Embora seja absolutamente necessário investigar a fundo este tipo de exemplos no sentido de

encontra posicionado a seguir à situação representada pela estrutura infinitiva, como sucede em (39) e (40), caso em que apenas se descreve uma eventualidade localizada no passado e o SP assume o seu papel temático de Alvo.



obtermos uma melhor compreensão do seu funcionamento semântico, o que vai muito para além do âmbito do presente trabalho, sugeriremos aqui a hipótese de que os SPs, ao introduzirem a noção de Alvo ou Destino nas frases em causa, favorecem uma interpretação agentiva de configurações que, à partida, não a possuem. Uma tal “agentivização” propiciada pelo SP tornaria as estruturas em causa compatíveis com as propriedades lexicais básicas do verbo *ir*, tal como têm vindo a ser definidas ao longo desta secção, permitindo a interpretabilidade da construção final que, assim, passaria a ser encarada como perfeitamente aceitável.

Em síntese, diremos que as restrições combinatórias manifestadas pela construção *ir* + Infinitivo com PPerf parecem derivar do facto de nos encontrarmos face a uma configuração em que *ir* assume o estatuto de item lexical de pleno direito, na medida em que: (i) o seu carácter dinâmico dificulta a combinação com situações de natureza estativa; (ii) a agentividade que lhe está subjacente inviabiliza a sua coocorrência com eventualidades não agentivas e (iii) a seleção de um argumento com o papel temático de Destino, sob a forma de um sintagma preposicional introduzido por *a* ou por *para*, se pode encontrar refletida na estrutura em causa.

A partir da discussão a que acabámos de proceder, podemos salientar as seguintes propriedades semânticas que nos permitem caracterizar a construção *ir* + Infinitivo com PPerf:

- A construção *ir* + Infinitivo com PPerf não parece veicular qualquer tipo de informação diferencial no que respeita à relação temporal das situações descritas, ou seja, *ir* não funciona aqui como um operador temporal de posterioridade, assumindo o Pretérito Perfeito o seu valor canónico;
- A comparência das eventualidades que surgem no Infinitivo na estrutura sob análise está sujeita a um vasto conjunto de restrições em termos de seleção aspetual e de agentividade que, em última instância, parecem ser fortemente condicionadas pelas propriedades lexicais do verbo *ir*.
- A interpretação final destas configurações resulta, pois, de uma interação dinâmica entre as propriedades e os significados do verbo *ir*, tomado enquanto item lexical pleno, e das predicções infinitivas que com ele coocorrem.



3. *Ir* + Infinitivo com Presente do Indicativo

A estrutura *ir* + Infinitivo, quando combinada com o Presente do Indicativo, levanta problemas e questões de uma certa complexidade. Ao analisarmos os exemplos que a ilustram, não só constatamos diferenças significativas no que respeita ao comportamento linguístico que exhibe em comparação com a sua equivalente contemplando o Pretérito Perfeito, como somos igualmente surpreendidos por importantes divergências interpretativas no seu interior.

Com base na observação dos dados relevantes e no sentido de melhor compreender o funcionamento linguístico das configurações em causa, propomos a necessidade de postular a existência de duas construções perfeitamente distintas: uma primeira em que a significação aspetual parece ser prioritária e em que *ir* + Infinitivo recebe uma leitura frequentativa ou habitual (cf. (49)) e uma segunda em que a interpretação predominante é de natureza temporal, localizando a construção as situações com que se combina num intervalo de tempo posterior ao momento da enunciação (cf. (50)).

(49) A Maria vai comprar pão todos os dias.

(50) A Maria vai comprar uma casa nova.

Importa, pois, investigar o que distingue, na realidade, estas duas interpretações e como poderemos descrever adequadamente as principais diferenças que manifestam no que respeita ao seu comportamento linguístico.

3.1. A leitura habitual ou quantitacional

Embora não se possa afirmar que seja a mais frequente nem aquela que surge por norma neste género de estruturas, *ir* + Infinitivo com o Presente do Indicativo recebe por vezes uma interpretação de cariz habitual, em que nos é apresentado um padrão de recorrência de situações que tipicamente começa num intervalo anterior e se pode prolongar para além do momento da



enunciação, não sendo, pois, relevante a indicação explícita da sua localização num tempo futuro. Na verdade, encontramos-nos perante uma leitura de natureza habitual ou frequentativa muito semelhante à que é desencadeada pelo Presente do Indicativo simples no contexto da generalidade das predicções eventivas (cf. “O Pedro brinca com os filhos”, “A Maria joga ténis”), partilhando com esta as suas propriedades mais relevantes (para uma discussão sobre diferentes abordagens à questão da habitualidade, vejam-se, por exemplo, Lenci, 1995; Verkuyl, 1995; Lenci & Bertinetto, 2000; Bertinetto & Lenci, 2012; e, para o Português, Cunha, 2006; Oliveira & Cunha, 2011; Cunha, 2012).

Nos seguintes exemplos, retirados do *corpus*, temos uma leitura claramente habitual, em que *ir + Infinitivo* com o Presente dá conta da quantificação ou da repetição de situações num intervalo que obrigatoriamente inclui o momento da enunciação, o que significa, em última instância, que, em casos como estes, não é estabelecida qualquer relação temporal de futuridade.⁸

- (51) Muito embora não seja permitido cortar o cabelo, os cabeleireiros são visitados com alguma frequência por mulheres islâmicas, que **vão arranjar** o cabelo, as unhas, fazer depilação, ou até mesmo maquilhar-se. (par=ext268591-soc-98a-2)
- (52) Íamos sair, ele **todos os dias vai** fazer compras, com o «chauffeur». (par=ext1103815-clt-91b-2)

Para que uma interpretação habitual seja inequivocamente licenciada em estruturas como estas, é tipicamente requerida a presença de um qualquer quantificador sobre situações ou de uma expressão que, de alguma forma, remeta para a habitualidade ou para a frequência (cf. (53) e (54)); caso contrário, a leitura mais saliente será a de localização num intervalo futuro.

- (53) A Maria vai visitar a avó habitualmente.

⁸ Embora estejamos plenamente conscientes de que existem diferenças semânticas bastante consideráveis entre as construções frequentativas e habituais (cf. Cunha, 2006; 2012), estas divergências parecem não ter um impacto muito significativo nos comportamentos linguísticos que aqui nos ocupam, pelo que, neste nosso trabalho, trataremos de um modo uniforme os exemplos de construções de frequência e de habitualidade no que à relação com a construção *ir + Infinitivo* com Presente diz respeito.



(54) O bando de leões vai caçar gnus todas as tardes.

A construção *ir* + Infinitivo com Presente, quando tomada numa leitura predominantemente quantificacional ou habitual, parece estar sujeita a restrições combinatórias muito semelhantes às que observámos para a sua equivalente com o Pretérito Perfeito. Em particular, revela-se totalmente incompatível com predicções de natureza estativa, mesmo que estas sejam repetíveis (cf. (55)-(56)), e com situações de cariz não agentivo (cf. (57)-(58)):

(55) # A Maria vai ser simpática com as amigas habitualmente.

(56) # O João vai estar doente todos os meses.⁹

(57) # O motor do meu carro vai trabalhar diariamente.

(58) # O relógio da sala vai cair ao chão todas as semanas.¹⁰

Note-se, por outro lado, que as restrições combinatórias representadas em (55)-(58) não podem ser simplesmente justificadas pela imposição de uma interpretação habitual às construções em questão, já que, como os exemplos seguintes, em que figura o Presente do Indicativo simples, nos demonstram, as eventualidades em causa podem surgir, sem problemas, em contextos de frequência ou de habitualidade.

(59) A Maria é simpática com as amigas habitualmente.

(60) O João está doente todos os meses.

⁹ Sublinhe-se que é perfeitamente possível uma leitura habitual de *ir* + Infinitivo no Presente com estativos desde que o início do estado habitual seja projetado num intervalo de tempo futuro, como ilustrado em (i). No entanto, não é esta a interpretação que aqui nos ocupa; nos casos que estamos a analisar, i.e., em que o intervalo em que ocorre a repetição de situações inclui necessariamente o momento da enunciação, os estativos são tipicamente excluídos, como demonstrado em (ii), ao contrário do que sucede com outros tipos de eventualidades, como a representada em (iii):

- (i) A partir da próxima semana, o Pedro vai estar na faculdade todos os dias.
- (ii) * Desde a semana passada, o Pedro vai estar na faculdade todos os dias.
- (iii) Desde a semana passada, o Pedro vai trabalhar na fábrica todos os dias.

Como estes contrastes parecem demonstrar, *ir* + Infinitivo com estativos funciona como um operador temporal que localiza um estado habitual ou uma estrutura frequentativa preexistente num intervalo futuro, não como um desencadeador de uma leitura de frequência ou de habitualidade (cf. a discussão em 3.2 e 3.3).

¹⁰ Observações semelhantes às que fizemos para os exemplos com estativos podem igualmente estender-se a estes casos: interpretações em que a construção habitual ou frequentativa é totalmente projetada num intervalo futuro parecem poder ser licenciadas, mas, como já referimos, não é esta a leitura que aqui está em discussão.



- (61) O motor do meu carro trabalha diariamente.
 (62) O relógio da sala cai ao chão todas as semanas.

Um outro aspeto em que a leitura habitual ou quantificacional de *ir* + Infinitivo com o Presente se aproxima das configurações em que a referida sequência se combina com o PPerf prende-se com a possibilidade de ser admitida, em qualquer caso, a projeção de Sintagmas Preposicionais encabeçados por *a* ou por *para*, que, como já demonstrámos anteriormente, ocorrem tipicamente na dependência de *ir* quando este assume o seu estatuto de verbo lexical pleno. Os exemplos que se seguem ilustram este facto:

- (63) A Maria vai visitar a avó à casa de praia habitualmente.
 (64) O bando de leões vai caçar gnus para a savana todas as tardes.

Também nas estruturas que estamos a analisar o Sintagma Preposicional pode ocorrer entre a forma do verbo *ir* e o Infinitivo que o acompanha (cf. (65)-(66)), o que nos leva a admitir, mais uma vez, que tais Sintagmas Preposicionais integram a grelha argumental de *ir*, tanto mais que nem sempre podem comparecer nas configurações equivalentes em que este não figura (cf. (67)-(68)):

- (65) A Maria vai à casa de praia visitar a avó habitualmente.
 (66) O bando de leões vai para a savana caçar gnus todas as tardes.
 (67) * A Maria visita a avó à casa de praia habitualmente.
 (68) * O bando de leões caça gnus para a savana todas as tardes.

Os exemplos que acabámos de apresentar sugerem, pois, que, também no contexto da interpretação frequentativa ou habitual de *ir* + Infinitivo com Presente, os Sintagmas Preposicionais introduzidos por *a* ou por *para* são subcategorizados pelo verbo *ir*, o que indicia que este assume, nas configurações em apreço, propriedades que o aproximam do estatuto de item lexical pleno, tal como sucedia nas estruturas envolvendo o PPerf.



Se partirmos do princípio de que, na realidade, *ir* funciona aqui como item lexical de pleno direito, obteremos uma boa explicação para a interpretação habitual das construções sob análise. Com efeito, se tivermos em conta que (i) *ir* se encontra, no referido contexto, tipicamente envolvido em situações de natureza eventiva (e agentiva), como, aliás, já procurámos demonstrar anteriormente (cf. a inaceitabilidade de exemplos como (55)-(56)), e que (ii) na sua generalidade, os eventos, quando ocorrem com o Presente do Indicativo, dão origem, preferencialmente, a configurações em que predomina a habitualidade (veja-se Cunha 2006; 2012)), então não será de todo surpreendente constatar que, quando assume o seu estatuto lexical pleno, *ir* (seguido de Infinitivo) em combinação com o Presente do Indicativo recebe uma interpretação de cariz habitual ou quantificacional. Uma tal leitura resultaria da interação entre o carácter eventivo associado às propriedades lexicais de *ir* e a preferência por leituras quantificacionais ou habituais que o Presente do Indicativo revela quando se combina com eventos.

Tendo em consideração as observações realizadas relativamente à construção *ir* + Infinitivo com Presente do Indicativo na sua leitura quantificacional ou habitual, destacamos, em seguida, algumas das propriedades semânticas mais relevantes que a caracterizam:

- Neste tipo de interpretação, *ir* + Infinitivo em combinação com o Presente do Indicativo veicula a recorrência ou a repetição de situações, encontrando-se estas localizadas num intervalo prolongado de tempo que inclui o momento da enunciação; nesse sentido, os efeitos temporais imputáveis à presença de *ir* são praticamente nulos, resultando a leitura final da estrutura da interação que se estabelece entre as propriedades lexicais do verbo *ir* e as propriedades temporo-aspetuais do Presente do Indicativo.
- Mais uma vez, *ir* parece preservar grande parte das suas características lexicais básicas, o que explica, por um lado, a natureza das restrições que impõe à comparência das predicções com que coocorre e, por outro, a presença de Sintagmas Preposicionais encabeçados por *a* ou por *para*, que podem sempre ser introduzidos na estrutura sem causarem anomalia semântica.
- A interpretação final deste tipo de configurações parece, pois, ser obtida



composicionalmente a partir das contribuições do verbo *ir* enquanto item lexical de pleno direito e das situações no Infinitivo que com ele coocorrem. Em particular, como vimos, a leitura habitual que caracteriza as construções em causa reforça esta nossa suposição, já que se constituirá como o resultado previsível da combinação de uma situação de natureza eventiva, representada por *ir* (+ Infinitivo), com as propriedades quantificacionais normalmente associadas ao Presente do Indicativo em PE.

3.2. A leitura temporal de futuro

Na esmagadora maioria das ocorrências, porém, *ir* + Infinitivo com o Presente do Indicativo veicula uma leitura inequívoca de futuro, sendo as situações descritas localizadas num intervalo de tempo necessariamente posterior ao momento da enunciação. Esse valor de futuro associado à construção *ir* + Infinitivo é desde há muito reconhecido na literatura acerca dos tempos gramaticais em Português (cf., entre muitos outros, Oliveira, 1986; Peres, 1993; Oliveira & Lopes, 1995; Silva, 1997). Nestes casos, *ir* funciona como um semiauxiliar temporal, tal como definido em Gonçalves & Costa (2002), que opera sobre as situações no Infinitivo com que se combina, localizando-as num intervalo que sucede ao momento da enunciação. Os exemplos (69) e (70), retirados do *corpus*, ilustram este tipo de interpretação:

(69) Para gerir a nova rede, bem como as de outros clientes, o operador de telecomunicações norte-americano **vai criar** um novo centro de suporte a clientes em Dublin, Ohio. (*par=ext1544730-com-98b-4*)

(70) O Banco Português de Investimento **vai comprar** o Banco Fonseca & Burnay pelo valor mínimo, a base de licitação. (*par=ext788828-eco-91b-4*)

Com *ir* no Presente do Indicativo seguido de formas do Infinitivo, esta leitura temporal de futuro parece ser a mais frequente e aquela que é assumida como a interpretação “padrão” quando o contexto não fornece informação adicional. Como veremos, as suas propriedades e comportamentos semânticos diferem substancialmente dos que identificámos para os casos



anteriormente analisados.

Em primeiro lugar, e ao contrário do que sucede com *ir* + Infinitivo com o PPerf ou com o Presente do Indicativo na sua leitura quantificacional ou habitual, não se verificam quaisquer restrições no que diz respeito à natureza das eventualidades que podem comparecer na estrutura em questão. Assim, a combinação de *ir* + Infinitivo com o Presente do Indicativo na sua interpretação de futuro com predicções de cariz estativo (cf. (71)-(72)) ou com situações não agentivas (cf. (73)-(74)) não ocasiona qualquer tipo de anomalia semântica.¹¹

- (71) (Na festa de amanhã), a Maria vai ser simpática com as amigas.
- (72) (A continuar a comer desta maneira, amanhã) o João vai estar doente.
- (73) (Com o arranjo que lhe fiz), o motor do meu carro vai trabalhar.
- (74) (Tem cuidado!) O relógio da sala vai cair ao chão.

Sublinhe-se que, na sua interpretação de futuro, *ir* + Infinitivo com Presente pode comparecer com qualquer tipo de estativo, independentemente da subclasse a que pertença, como os exemplos seguintes nos mostram, o que reforça a ideia de que, neste caso, não se verifica qualquer tipo de restrição combinatória em termos de classes aspetuais de predicções:

- (75) (Quando crescer,) a Maria vai ser médica. (estado de indivíduo não faseável)
- (76) (Quando o carteiro bater à porta,) o meu cão vai ser agressivo. (estado de indivíduo faseável)
- (77) (Amanhã) o João vai estar em Paris. (estado de estádio não faseável)
- (78) (Amanhã) o Filipe vai ter dificuldades no exame. (estado de estádio faseável)

¹¹ Os exemplos em que *ir* + Infinitivo com Presente do Indicativo na sua interpretação temporal se combina com predicções estativas são, de resto, bastante frequentes no nosso *corpus*, como (i) e (ii) ilustram. Figuram, igualmente, casos de predicções não agentivas no referido contexto, como (iii) nos revela:

- (i) O Centro Comercial Colombo, em Lisboa, (...) **vai ser** o maior da Península Ibérica e um dos maiores da Europa. (*par=ext791807-eco-94b-2*)
- (ii) A partir do próximo ano lectivo, algumas escolas da região centro **vão estar** aptas a realizar actividades em torno da meteorologia. (*par=ext951869-soc-98a-4*)
- (iii) A partir de segunda-feira, a «Gazeta dos Desportos» **vai surgir** com nova cara. (*par=ext811866-des-95b-3*)



Tendo em conta que *ir* funciona, neste tipo de contextos, como um verdadeiro semiauxiliar temporal (cf. os diferentes critérios avançados por Gonçalves & Costa, 2002), é de prever que este verbo perca, com alguma facilidade, muitas das suas propriedades lexicais básicas. Um tal facto permitiria explicar, por um lado, a completa ausência de restrições combinatórias em termos aspetuais que acabámos de observar e, por outro, a impossibilidade de projeção, sob determinadas circunstâncias, de Sintagmas Preposicionais introduzidos por *a* ou por *para*. Na realidade, se, como vimos, nos casos em que *ir* + Infinitivo se combina com o PPerf ou com o Presente do Indicativo numa leitura quantificacional ou habitual é sempre possível introduzir na construção um Sintagma Preposicional desta natureza, o mesmo não se verifica quando nos confrontamos com frases em que *ir* + Infinitivo veicula uma leitura temporal de futuro. Em particular, os referidos SPs parecem ser sistematicamente excluídos das configurações que integram situações estativas e/ou não agentivas, como os exemplos seguintes nos revelam:¹²

- (79) A Susana vai ser professora * *a* / * *para* / em Terras de Bouro.
- (80) (Amanhã) o João vai estar contente * *à* / * *para a* / na sua festa de anos.
- (81) (Amanhã) vai chover * *ao* / * *para o* / no norte do país.
- (82) O fogo vai queimar as árvores * *à* / * *para a* / na floresta.

Em suma, os dados relativos às possibilidades combinatórias com as classes aspetuais de predicacões e à projeção de Sintagmas Preposicionais introduzidos por *a* ou por *para* sugerem fortemente que *ir*, quando combinado com formas do Infinitivo, no Presente do Indicativo, na sua

¹² Observe-se, no entanto, que Sintagmas Preposicionais introduzidos por *a* ou por *para* continuam a ser licenciados em estruturas que envolvem predicacões não estativas [+agentivas], mesmo quando a interpretação conferida a *ir* + Infinitivo com Presente é de natureza inequivocamente temporal, como ilustrado em (i) e (ii):

- (i) Amanhã, a Maria vai visitar a avó à casa de praia.
- (ii) Amanhã, o bando de leões vai caçar gnus para a savana.

Face a exemplos semelhantes aos que acabámos de apresentar, Gonçalves & Costa (2002: p. 73, nota 49) advogam que tais configurações se devem ao facto de que os semiauxiliares temporais *ir* e *vir* “mantêm características residuais de verbos de movimento”. Não sendo, de momento, nosso objetivo aprofundar esta questão, seria interessante investigar em que circunstâncias se mantêm as propriedades residuais dos itens lexicais em apreço quando estes assumem o papel de semiauxiliares, uma vez que, como vimos, parece existir alguma flutuação a este respeito.



interpretação temporal de futuro, perde grande parte das suas propriedades lexicais de origem, convertendo-se num elemento de natureza essencialmente funcional, no caso num operador temporal de posterioridade.

Sintetizamos, em seguida, as propriedades mais relevantes que caracterizam a estrutura que temos vindo a estudar na presente subsecção:

- Nos casos em que a leitura temporal de futuro é a predominante, *ir* + Infinitivo com Presente funciona como um verdadeiro tempo gramatical que localiza uma dada situação num intervalo necessariamente posterior ao momento da enunciação, que se constitui como o seu Ponto de Perspetiva Temporal (cf. Kamp & Reyle, 1993)).
- O verbo *ir*, na configuração em apreço, parece perder grande parte das suas propriedades lexicais básicas, o que explica a completa ausência de restrições combinatórias no que respeita à classe aspetual das situações que o acompanham e a impossibilidade, em determinadas circunstâncias, de projeção de Sintagmas Preposicionais introduzidos por *a* ou por *para*.
- O verbo *ir* manifesta, pois, os comportamentos sintáticos típicos de um verdadeiro semiauxiliar temporal (cf. Gonçalves & Costa, 2002), restringindo-se o seu conteúdo semântico à operação de localização de situações num intervalo posterior ao Ponto de Perspetiva Temporal selecionado (cf. Kamp & Reyle, 1993).

3.3. Casos de ambiguidade

Se a proposta que temos vindo a defender ao longo desta secção está correta, i.e. se a sequência *ir* + Infinitivo no Presente do Indicativo se encontra envolvida em duas configurações distintas – uma em que *ir* mantém o seu estatuto lexical básico relativamente inalterado e outra em que assume o papel de semiauxiliar temporal –, então deveríamos encontrar casos de ambiguidade na interpretação de tais estruturas.

Com efeito, uma tal predição parece confirmar-se, desde que se encontrem reunidas as condições adequadas. Assim, frases em que *ir* + Infinitivo no Presente (i) coocorre com



predicações agentivas não estativas e (ii) é projetado um SP encabeçado por *a* ou por *para* manifestam, tipicamente, ambiguidade interpretativa. Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

- (83) A Maria vai fazer compras ao hipermercado.
 (84) O João vai estudar para a biblioteca.

Numa das suas interpretações possíveis, estas frases descrevem hábitos presentes ou atuais da Maria ou do João, respetivamente, ou seja, são parafraseáveis por “A Maria costuma fazer compras no hipermercado” ou “O João costuma estudar na biblioteca”. Nestes casos, *ir* preservaria grande parte das suas propriedades básicas enquanto item lexical pleno, resultando a leitura habitual da interação entre o Presente do Indicativo e o caráter eventivo da construção em causa (recorde-se, mais uma vez, que, no PE, a leitura preferencial do Presente do Indicativo quando combinado com eventos é a de habitualidade).

Existe, no entanto, uma segunda possibilidade interpretativa para estas frases, em que as situações descritas são projetadas num intervalo futuro. As parafrases correspondentes seriam, pois, aproximadamente, as seguintes: “(Daqui a algum tempo,) a Maria fará compras no hipermercado” ou “(Daqui a algum tempo,) o João estudará na biblioteca”. Neste tipo de leituras, *ir* perde grande parte das suas propriedades lexicais de origem, funcionando como um semiauxiliar temporal que localiza as situações com que se combina num intervalo obrigatoriamente posterior ao momento da enunciação.

Sublinhe-se, no entanto, que, para que se verifique este tipo de ambiguidade, é indispensável que se encontrem reunidas as condições acima referidas. Na realidade, frases em que surgem, por exemplo, estados ou eventos não agentivos combinados com *ir* + Infinitivo no Presente *apenas podem receber, como já referimos em 3.2, uma leitura de natureza temporal (cf. (71)-(74))*.

Em suma, os casos de ambiguidade observados parecem ir ao encontro da proposta que temos vindo a desenvolver ao longo do presente artigo, segundo a qual *ir* + Infinitivo pode estar



envolvido em duas configurações distintas, uma em que *ir* mantém as suas propriedades lexicais básicas relativamente inalteradas e outra em que funciona essencialmente como um semiauxiliar temporal.

4. Conclusões

Procurámos demonstrar, ao longo do presente trabalho, que, no Português Europeu, existem duas configurações de natureza bem distinta envolvendo *ir* + Infinitivo. Numa delas, *ir* preserva grande parte das suas propriedades lexicais básicas, o que nos permitiu explicar, por um lado, a natureza das restrições aspetuais impostas às eventualidades que com ele coocorrem e, por outro, a emergência de alguns comportamentos sintáticos e semânticos, como a possibilidade de projeção de Sintagmas Preposicionais encabeçados por *a* ou por *para* introduzindo um argumento com papel temático de Alvo ou a interpretação habitual conferida às estruturas em que o verbo em causa surge no Presente do Indicativo. Na outra, *ir* assume o estatuto de semiauxiliar temporal com valor de futuro, localizando as situações no Infinitivo num intervalo posterior ao Ponto de Perspetiva Temporal selecionado. Enquanto operador temporal, *ir* perde grande parte das suas propriedades lexicais de origem, o que se traduz na total ausência de restrições aspetuais em relação às predicções com que se combina e na rejeição, pelo menos em alguns casos, da projeção do tipo de Sintagmas Preposicionais acima mencionado.

Como nota final, parece-nos importante sublinhar que, no estado atual do desenvolvimento da língua, a interpretação temporal de *ir* + Infinitivo se encontra confinada à combinação com apenas alguns tempos gramaticais do Português, nomeadamente o Presente do Indicativo e o Imperfeito. Pelo contrário, a construção em que *ir* (+ Infinitivo) preserva as suas propriedades lexicais básicas surge em combinação com um número bem maior de tempos gramaticais, sendo, inclusivamente, licenciada no contexto de tempos compostos. Os contrastes que se seguem ilustram este facto:¹³

¹³ Dado que, como observámos ao longo do presente trabalho, ao contrário do que sucede com os casos em que *ir* preserva o seu estatuto lexical básico inalterado, a leitura inequivocamente temporal de posterioridade admite a comparência de qualquer tipo de situação na estrutura, utilizaremos aqui exemplos com estativos para comprovar a sua inviabilidade no contexto de certos tempos gramaticais, em particular no que toca ao PPerf simples e composto e ao Mais-que-Perfeito. Dadas as limitações de espaço a que estamos sujeitos, teremos de deixar para investigação



- (85) O João vai estar na biblioteca (amanhã).
- (86) O João ia estar na biblioteca (no dia seguinte).
- (87) * O João foi estar na biblioteca.
- (88) * O João tinha ido estar na biblioteca (quando conheceu a Maria).
- (89) * O João tem ido estar na biblioteca.
- (90) O Luís vai comprar chocolates (todos os dias).
- (91) O Luís ia comprar chocolates (todos os dias).
- (92) O Luís foi comprar chocolates.
- (93) O Luís tinha ido comprar chocolates (quando conheceu a Maria).
- (94) O Luís tem ido comprar chocolates.

Se as propostas que temos vindo a desenvolver estão corretas, exemplos como (87)-(89) confirmam que o estatuto de semiauxiliar temporal atribuído ao verbo *ir* neste tipo de configurações se revela incompatível com o PPerf, com o Mais-que-Perfeito e com o Pretérito Perfeito Composto. Pelo contrário, a leitura em que *ir* preserva as suas propriedades lexicais básicas parece estar disponível independentemente do tempo gramatical em que a construção ocorre (cf. (90)-(94)).

Tais observações parecem-nos particularmente relevantes na medida em que abrem caminho para investigação futura, nomeadamente no que se refere ao papel temporal desempenhado pela estrutura *ir* + Infinitivo e ao seu enquadramento no contexto geral dos restantes tempos gramaticais do Português, assim como no que concerne aos processos de gramaticalização que o verbo *ir* tem vindo a sofrer neste género de construções.

futura uma discussão mais aprofundada do comportamento de *ir* + Infinitivo no contexto destes tempos gramaticais, bem como da sua interação com formas do Conjuntivo.



Referências

- Bertinetto, Pier Marco, & Alessandro Lenci (2012) Pluractionality, habituality and gnomic imperfectivity. In R. Binnick (ed.), *Oxford Handbook of Tense and Aspect*. Oxford: Oxford University Press, pp. 852-880.
- Binnick, Robert (1991) *Time and the verb: a guide to tense and aspect*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunha, Luís Filipe (1999) Breve análise semântica de alguns operadores aspectuais do Português. In *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: APL, pp. 447-462.
- Cunha, Luís Filipe (2004) *Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados*. Dissertação de doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Cunha, Luís Filipe (2006) Frequência vs. habitualidade: distinções e convergências. In *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*. León: SEL, pp. 333-357. Disponível on-line em <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas/Cunha.pdf>
- Cunha, Luís Filipe (2012) Frequentative and habitual structures: similarities and differences. In C. Schnedecker & C. Armbrecht (eds.), *La quantification et ses domaines – Actes du colloque de Strasbourg*. Paris: Honoré Champion Éditeur, pp. 339-352.
- Cunha, Luís Filipe (no prelo) Algumas considerações em torno das interpretações da construção *ir* + Infinitivo com Imperfeito. In *Revista Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*.
- Declerck, Renaat (2006) *The Grammar of the English Tense System*. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Dowty, David (1979) *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel Publishing Company.
- Gonçalves, Anabela (2002) Verbos auxiliares e verbos de reestruturação do Português Europeu. In I. M. Duarte, J. Barbosa, S. Matos & T. Hüsgen (eds.), *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Vol. 2. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 45-57.



- Gonçalves, Anabela, & Teresa Costa (2002) *(Auxiliar a) compreender os verbos auxiliares do Português – descrição e implicações para o ensino do Português como língua materna*. Lisboa: Colibri / Associação de Professores de Português.
- Kamp, Hans, & Uwe Reyle (1993) *From discourse to logic. Introduction to model-theoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Lenci, Alessandro (1995) The semantic representation of non-quantificational habituals. In P.M. Bertinetto, V. Bianchi, J. Higginbotham & M. Squartini (eds.), *Temporal reference, aspect and actionality, Vol. 1: semantic and syntactic perspectives*. Torino: Rosenberg & Sellier, pp. 143-158.
- Lenci, Alessandro, & Pier Marco Bertinetto (2000) Aspects, adverbs, and events: habituality vs. perfectivity. In J. Higginbotham, F. Pianesi & A. C. Varzi (eds.) *Speaking of events*. New York / Oxford: Oxford University Press, pp. 245-287.
- Moens, Marc (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- Oliveira, Fátima (1986) O Futuro em Português: alguns aspectos temporais e/ou modais. In *Actas do I Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 353-374.
- Oliveira, Fátima, Luís Filipe Cunha & Anabela Gonçalves (2004) Aspectual verbs in European and Brazilian Portuguese. In *Journal of Portuguese Linguistics*, 3 (1), pp. 141-173.
- Oliveira, Fátima, & Ana Cristina Macário Lopes (1995) Tense and aspect in Portuguese. In R. Thieroff (ed.), *Tense systems in European languages*, Vol II. Tübingen: Niemeyer, pp. 95-115.
- Oliveira, Fátima, & Luís Filipe Cunha (2011) Tipos de genericidade. In A. Costa, I. Falé & P. Barbosa (orgs.), *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, pp. 446-459.
- Oliveira, Vinicius Maciel (2008) A gramaticalização do verbo *ir* em predicções complexas. In *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Vol. XI, n.º 12. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, pp. 34-45.
- Oliveira, Vinicius Maciel (2010) Processos de expansão semântica em predicções com o verbo *ir*. In *Estudos Linguísticos*, 39 (1), pp. 331-341.



Peres, João Andrade (1993) *Towards an integrated view of the expression of time in Portuguese. Cadernos de Semântica* 14. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Silva, Ademar (1997) *A Expressão da Futuridade na Língua Falada*. Dissertação de doutoramento, Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem.

Verkuyl, Henk (1995) Indices and habituality. In P.M. Bertinetto, V. Bianchi, J. Higginbotham & M. Squartini (eds.), *Temporal reference, aspect and actionality, Vol. 1: semantic and syntactic perspectives*. Torino: Rosenberg & Sellier, pp. 195-217.

Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do QREN – POPH – Tipologia 4.1 – Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC:

